

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



E SE O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL FOSSE UM HOMEM NEGRO?

Felipe de Carvalho Ferreira¹

Leandro Teófilo de Brito²

Resumo: O presente trabalho buscou sistematizar discussões na problematização da atuação de homens negros enquanto professores na educação infantil. A partir disso, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa no diálogo com relatos (Butler, 2015) de cinco homens negros, oriundos de escolas públicas do Rio de Janeiro e professores regentes de turmas. Para análise e produção dos dados, foi utilizada o conceito de convergência rizomática (Sthelik, 2004), isto é, uma proposta de localização de sujeitos por meio de contatos onde, ao final de cada conversa, essas conexões possibilitaram indicações de outros profissionais. Além disso, investimos nas perspectivas pós-críticas (Meyer e Paraiso, 2012) como um caminho metodológico que corrobora na construção de saberes e aberturas para o intempestivo que a pesquisa pode fornecer. Nesse sentido, pensar as nuances que ser homem e negro a frente da educação de crianças torna-se um potencial dispositivo que coloca sob holofotes questões de raça, racismo e masculinidades, por exemplo, em constante conflitos no campo do magistério. Por esse caminho, um conjunto de conflitos os atravessaram que implicaram a esses sujeitos um exercício duplamente de agenciamento e interdição em suas atuações. Nesse limiar conflituoso, atuamos na complexificação dessas ações e desdobramentos dessas experiências.

Palavras-chave: Masculinidades negras. Educação. Raça. Gênero. Sexualidade.

**WHAT IF THE EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHER WERE A
BLACK MAN?**

Abstract: This study sought to systematize discussions around the problematization of Black men's roles as teachers in early childhood education. To this end, a qualitative research approach was conducted through engagement with narratives (Butler, 2015) from five Black men, all of whom are public school teachers in Rio de Janeiro and serve

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisas no campo das masculinidades negras e educação. felipe.c.ferreira47@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisas no campo das masculinidades e educação. teofiloleandro@gmail.com

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



as lead classroom instructors. For the analysis and production of data, the concept of rhizomatic convergence (Sthelik, 2004) was employed—that is, a proposal for locating subjects through networks of contact, whereby at the end of each conversation, these connections enabled referrals to other professionals. Furthermore, post-critical perspectives (Meyer & Paraíso, 2012) were adopted as a methodological pathway that supports the construction of knowledge and opens space for the unforeseen dimensions that research may yield. In this sense, reflecting on the nuances of being both Black and male at the forefront of children's education emerges as a powerful analytical device, bringing into focus issues such as race, racism, and masculinities, which remain in constant tension within the field of teaching. Along this trajectory, a set of conflicts traversed these subjects, implicating them in a dual process of agency and constraint in their professional practices. Within this contested threshold, the study engages in the complexification of these actions and the unfolding of these experiences.

Keywords: Black masculinity. Education. Race. Gender. Sexuality.

¿Y SI EL PROFESOR EN LA EDUCACIÓN INFANTIL FUERA UN HOMBRE NEGRO?

Resumen: El presente trabajo buscó sistematizar discusiones en torno a la problematización de la actuación de hombres negros como docentes en la educación infantil. A partir de ello, se llevó a cabo una investigación de enfoque cualitativo en diálogo con relatos (Butler, 2015) de cinco hombres negros, provenientes de escuelas públicas de Río de Janeiro y profesores titulares de grupo. Para el análisis y la producción de los datos, se utilizó el concepto de convergencia rizomática (Sthelik, 2004), es decir, una propuesta de localización de sujetos a través de redes de contacto en las que, al final de cada conversación, dichas conexiones posibilitaban la indicación de otros profesionales. Asimismo, se adoptaron perspectivas poscríticas (Meyer y Paraíso, 2012) como un camino metodológico que contribuye a la construcción de saberes y a la apertura hacia lo intempestivo que la investigación puede ofrecer. En este sentido, pensar en las matices de ser hombre y negro al frente de la educación de niños se configura como un potente dispositivo analítico que pone bajo los reflectores cuestiones como raza, racismo y masculinidades, en constante conflicto en el campo de la docencia. En esta trayectoria, un conjunto de conflictos atravesó a estos sujetos, implicándolos en un ejercicio doble de agenciamiento y de interdicción en sus prácticas. En este umbral conflictivo, se apuesta por la complejización de estas acciones y por el despliegue de estas experiencias.

Palabras clave: Masculinidades negras. Educación. Raza. Género. Sexualidad.

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



O presente trabalho ousou aprofundar em uma discussão ainda incipiente no campo da educação cujo objetivo desdobrou-se na atuação de homens negros enquanto professores na educação infantil. Ao todo, convidamos para essa conversa com cinco homens negros regentes de turma em creches da rede pública do Rio de Janeiro. Esse texto buscou sistematizar algumas das noções levantadas nessa produção com a finalidade de oxigenar o campo da educação com outras perguntas e arriscar em respostas referentes a docência.

Atendendo um público de crianças do berçário à pré-escola, questões pertinentes foram realçadas nessas conversas onde potenciais performativos em seus relatos desnudaram violências de gênero e raça em suas vivências cotidianas. Nesse caminhar, concordamos com Pinho (2019) quando afirma que “no Brasil, o racismo, como um fato histórico fundador e figura estrutural, está sempre presente, embora de maneira muitas vezes não perceptíveis (p. 107). Sendo assim, acompanharemos alguns dos relatos que demonstram interdições frente ao trabalho com crianças pequenas e comentários que, isoladamente, velam um racismo intrínseco, sistêmico e insistente.

Embora possamos encontrar nos repositórios institucionais e revistas acadêmicas pesquisas que problematizem a atuação de professores homens na educação infantil, lacunas são percebidas quando somamos a esse debate recortes de raça, por exemplo. Ao mapearmos artigos produzidos entre os anos de 2012 a 2022, em revistas Qualis/Capes (A1 a A4) no campo da educação, indicamos apenas quatro pesquisas sob olhar das masculinidades negras. Inclusive, é importante ressaltar que essa lacuna incide justamente em quais masculinidades permanecem sob disputas em determinadas outras.

Sobre isso, é necessário tencionarmos que as próprias discussões sobre masculinidades emergem justamente do feminismo. Quando Giffin (2005) buscou pensar na inserção de homens nos estudos de gênero, ela não nega o poder patriarcal que atravessa as mulheres a partir dos homens. Porém, olhar para esses sujeitos não apenas

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



como produtores da violência, como também produtos desse sistema que os oprime torna-se um interessante dispositivo de disputas.

Nesse sentido, ao alinharmos ao caldo racial os debates sobre masculinidades, encontraremos indícios constantes de interdição, sexualização, desconfiança e precariedades atrelados aos corpos negros e masculinos. No momento em que jogamos para a masculinidade negra um terreno estável, imutável e naturalizado desses discursos, sedimentamos esse terreno com atos injuriosos (Butler, 2021) a determinados sujeitos. Esses discursos constroem realidades e efeitos que reforçam o ódio a partir de suas falas.

Desse modo, a seguir seguiremos problematizando alguns dos relatos dos professores participantes dessa pesquisa. Vale salientar que os nomes utilizados são fictícios com a finalidade de manter o anonimato. Além disso, as teorizações apresentadas foram pensadas e organizadas provisoriamente, de modo a levantar algumas suspeitas frente à presente temática das masculinidades negras vinculadas ao trabalho com crianças pequenas.

ITINERÁRIO DE PESQUISA

Para mergulharmos nas problematizações das falas desses professores, anteriormente anunciamos os caminhos metodológicos utilizados para essas análises. Não definidas como um método propriamente dito, investimos nas perspectivas pós-críticas (Meyer e Paraíso, 2012) enquanto um auxiliador na investigação dos fragmentos incompletos que compõem nossas narrativas. Entre outras palavras, seria impossível reascender com total precisão suas experiências, buscamos pensar diante uma complexa rede contingente, histórica e social no qual nossas falas navegam.

A partir disso utilizamos também a noção de relato (Butler, 2015) como um dispositivo analítico das falas. De acordo com a autora, nossas falas não são produzidas isoladamente, mas imersas a contextos que precedem elas próprias. Ou seja, esses sujeitos

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



no momento em que mobilizam reflexões sobre suas experiências, estas são pensadas e organizadas a partir de relações sociais que os antecedem onde as noções de raça e racismo, por exemplo, os produzem cotidianamente.

A ação performativa constitui a própria narratividade de si para Butler (2015), que só pode ser considerada narratividade no que esta tem de atividade de si sobre si, de elaboração e recriação, e não de pura e simples descrição factual e repetitiva, se considerar que o eu narrativo encena-se ao narrar-se mais do que remete a um ponto originário e fixo de si. No instante em que houveram trocas com esses sujeitos, ocorreu também transformações mútuas entre o locutor e interlocutor.

**“EU NÃO CONSIGO ME VER, TIPO, POR MAIS BAGAGEM QUE EU TRAGA,
OU QUE É UM CARA QUE SABE MUITA COISA”**

Iniciamos as narrativas com um recorte de um relato de Dante que inaugura uma discussão ainda muito frequente no campo das masculinidades negras: formação de homens negros. Não raramente, esses sujeitos passam a vida sendo educados como corpos sem mente, disponíveis para o sexo e trabalho. A formação, para eles, é colocada de maneira secundária uma vez que seus destinos são traçados desde a tenra idade como os mais indisciplinados. Para hooks (2022):

Na infância, era óbvio para todos em nossa vizinhança negra que, quando um homem negro pensava demais, ele passaria a ser visto como uma ameaça pelo mundo racista [...] Em um mundo onde um homem negro inteligente corria o risco de ser punido, homens negros bem-educados aprenderam a atuar como se não soubessem de nada (p. 89).

Dante, nosso primeiro protagonista revela em um determinado trecho da nossa conversa sobre que embora sua formação seja longa e ampla antes mesmo de chegar na docência, suas experiências pessoais os levaram nessa suposta relação de não

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



superioridade perante os outros. Todavia, A ação de não se enxergar melhor que os outros, bem como essa dificuldade de ponderar seus saberes revela uma sutileza em como opera o racismo.

Adiante, trazemos Miguel onde revela sua relutância inicial de se aventurar na educação infantil como professor. Seu relato indicia reflexões profundas naturalizadas a partir da própria constituição das masculinidades, seus desejos e potências. Vejamos:

Miguel: E ela (referência à esposa) falava assim “por que você não atua na educação infantil? As crianças veem um brilho em você. Aí eu falava assim... Ah não, criança... Aí eu volto à questão da constituição de masculinidade, porque se eu atuasse com criança eu me sentiria numa questão inferior, não era na minha concepção pra homem um trabalho.

Essas noções do que é “ser homem” implicam numa dimensão essencialista que define funções e performatizações de gênero. Para Miguel, era nítido que ser professor de crianças poderia implicar em suas ações, uma vez que na intrínseca relação de validações, estar a frente como docente não poderia ser bem visto ou questionado. Perceba que sua fala excede a própria constituição de si (Butler, 2015) de modo a tencionar significações do que é esperado, ou não, para o gênero masculino.

Por outro lado, trouxemos Rafael, um professor que desafiou percepções mais naturalizadas onde seu desejo por ocupar esse cargo o acompanha desde muito cedo. Tendo realizado o ensino médio na modalidade normal, desde a adolescência atua como professor da educação básica. Acompanhemos seu relato:

Rafael: Desde sempre falava que seria professor. Sempre brinquei de escolinha Sempre tive uma admiração muito grande. Tive um professor homem na educação básica e lembro até hoje porque ele foi meu padrinho de primeira comunhão. Tamanha identidade que eu tinha com ele.

Rafael resgata de sua memória a experiência de ter tido um professor homem durante sua infância, algo que para ele teve uma influência importante nos rumos futuros

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



 8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



de sua vida. Porém, gostaríamos de chamar atenção justamente no potencial performativo nessas rupturas e expectativas outras no momento em que encontramos em sala de aula, um homem negro. Nesse limiar, Melo (2021) em sua discussão sobre performatividade da raça problematiza justamente esses jogos de negociação onde disputas são travadas e negociações organizadas que transbordam um binarismo de analisar o mundo.

A seguir, apresentamos Joaquim, professor do maternal 2 que ministra aulas para crianças entre três e quatro anos de idade. Em um determinado momento da nossa conversa, indagamos se já teve oportunidade de trabalhar no berçário e em caso afirmativo como foi a experiência. Infelizmente, sua negativa nessa oportunidade vai além de uma simples escolha pessoa sua. Observamos:

Joaquim: A desconfiança sempre veio no começo. Já é comum e depois a gente vai quebrando, ou não quebrando. Lembro na pré-escola, a primeira reunião o que mais teve foi famílias falando que não quero que dê banho porque o professor era eu e se tivesse que dar banho era eu quem daria. Nós estamos em outubro, novembro praticamente, né? O CPF é meu, a matrícula que está na cara é minha. Mas, por exemplo, a família da XXXXX que lá em fevereiro pediu para não ajudar ela ir ao banheiro e hoje em dia não falou assim... Ah Joaquim, já pode ajudar ela... Então ela vai ao banheiro sozinha.

O discurso racista nesse caso mistura-se com a de gênero no instante o limite entre a interdição de ser homem ou ser homem negro são camuflados por uma suposta preocupação nesses cuidados. Sendo ele, professor de crianças pequenas e geralmente o único em sala, porque deveria delegar a função para outras profissionais femininas nesse caso? Como poderia Joaquim, um homem negro, alto e forte aos olhos de outros desempenhar uma função que exige delicadeza, responsabilidade e profissionalismo? Nesse impasse, bell hooks nos auxiliam na seguinte análise:

Na cultura popular, representações de masculinidade negra se igualam ao falocentrismo bruto, ao ódio pelas mulheres, a uma sexualidade combativa “estupradora” e a um claro desprezo pelos direitos individuais (hooks, 2019, p. 195).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Essa suposta busca incessante do prazer, performatizada e animalesca depositada aos homens negros introduziram a esses corpos uma constante vigilância. Esses discursos de ódio criaram efeitos odiosos, uma vez que se construiu esse imaginário e realidade mascarada que só restavam a eles a violência e brutalidade. O estereótipo de desumanizador como retoma hooks (2022) se costura na sua diferença, sendo o homem negro “o outro”.

Nessa exaustiva e estratégica racista de produção do não-lugar aos homens negros, internalizações são orquestradas dimensionando suas próprias percepções de si. A fala como um ato performativo cria sentidos frente a essas questões demandando uma reprodução desses discursos por esses próprios sujeitos. De modo a ilustrar tal momento, apresentamos a fala de dois professores a seguir:

Rafael: A gente estava se formando como professor, a nossa perspectiva de trabalhar com isso era muito pouco porque uma escola, hoje em dia é até um pouco mais, mas lá em 2013 uma escola para contratar um homem, um homem negro alto...

Roberto: Eu cumpri a graduação, pós-graduação, pensando no estado e ela (referência a esposa) falando que eu deveria fazer pós-médio para fazer formação de professores. Mas um homem negro, um ogro, entendeu?

Podemos observar pontos próximos em suas falas que, novamente, significam as sutilezas com que opera os dispositivos racistas. O corpo, objeto de desejo e fascínio branco sob os negros, revelam uma disputa que desumaniza. Contudo, tais intenções nem sempre são óbvias e nítidas, trazendo então um exercício de compreendê-las nas entrelinhas, nas minúcias estruturais com que funciona o sistema racista. Sobre isso, Franz Fanon argumenta que:

No entanto, dirão que não há intenção, vontade de humilhar. Pode ser, mas o que é humilhante é justamente essa ausência de intenção, essa complacência, essa indiferença, essa facilidade com que ele é fixado,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



com que é aprisionado, primitivizado, anticivilizado (Fanon, 2020, p. 24).

Nessa direção, referimos à dimensão estética e de performance que atrelam às masculinidades negras determinada fixidez de suas identidades. Portanto, quando miramos em um homem negro e professor de criança, para além da estranheza que apenas o recorte de gênero e sexualidade poderia ocasionar, a raça entrelaça a um debate de um corpo que não tem lugar, muito menos no afeto e educação. Em um trecho, Franz Fanon produziu a seguinte reflexão:

O negro é uma besta, o negro é mau, o negro é malicioso, o negro é feio; olhe, um negro, faz frio, o negro treme, o negro treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do negro, o negro treme de frio, aquele frio de torcer os ossos, o belo menino treme porque acha que o negro treme de raiva, o menino branco corre para os braços da mãe; mamãe, o negro vai me comer (Fanon, 2020, p. 129).

Perceba que para a dimensão do negro é reservado a animalização, o medo, a falta de sentimento e percepções com seu próprio corpo. Tais significações não somem quando esses sujeitos encaram suas funções como docentes. Pelo contrário, tornam-se ainda mais avultantes esses olhares uma vez que ocupam um espaço em um determinado momento da nossa história foi construído para as mulheres. Essencializadas na defesa de uma suposta delicadeza, afeto e habilidades inerentes à ligação direta na maternidade, como poderiam homens ocuparem esse lugar? Logo eles, sujeitos igualmente afligidos por discursos naturalizados que dispõem de força e liderança. Quando ajustamos a lente para a raça, nem sequer almejar esse espaço homens negros podem vislumbrar. Aos que conseguem, um grande desafio pela frente os aguarda.

Embora nosso foco restrinja na relação de docentes homens na educação infantil, inevitavelmente a presença deles incide em efeitos inclusive para as crianças que os acompanham como referência. Desse modo, estereotipados pelo racismo e machismo paradoxalmente constroem outros repertórios de significação que não apenas esses, mas também o de acolhimento e sensibilidade. Por isso, a abertura para a mudança é

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



necessária. Insistimos no poder da agência (Butler, 2021) enquanto um dispositivo de ruptura e estremecimento de uma estrutura que historicamente destrói a vida de homens negros, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos.

Portanto, é nesse complexo enredo que investimos nas agências como uma forma de ousadia e disruptiva de produzir um outro corpo. Ser homem e estar como professor da educação infantil sem dúvidas é um grande desafio. Por outro lado, ao adentar na dimensão racial, de sexualidade e de gênero, por exemplo, para significar esses sujeitos torna essa discussão ainda mais tênue e paradoxal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar como professor é assumir o risco com o ressurgimento de fantasmas que em outrora, na condição de estudante, pudemos vivenciar. Hoje, na responsabilidade de educar e formar sujeitos, podemos produzir outros questionamentos que não àqueles que presenciamos. Talvez, a tão sonhada mudança na educação, venha a partir, e não somente, no ímpeto de se lançar ao desconhecido.

Por mais que para alguns desses professores o magistério fosse previsível, ou até mesmo para aqueles nos quais a profissão atravessou repentinamente seus caminhos, um ponto em comum interligou essas tramas. Todos eles tiveram a coragem de escapar do óbvio, enfrentar suas inseguranças internas e se (re)construir quantas vezes forem preciso para permanecerem nessa zona do intempestivo.

Por mais difícil que seja pensar em agências, elas existem e sempre vão ser acionadas independentes do regime que nos encontramos. Enquanto sujeitos sociais, é no contraditório que transgredimos regras, combinados e lógicas de poder. Embora ainda

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



turvas algumas conceitualizações, reafirmamos o compromisso enquanto pesquisadores de trazer não apenas conclusões, mas lacunas de estudos que emergiram durante minhas investigações.

Percebemos também um paradoxo nessas tratativas de sistematização do poder. Embora tenhamos acompanhado que um conjunto de marcadores sociais influenciaram suas ações, sublinhamos uma imprecisão com relação a uma suposta estabilização deles. Entre outras palavras, ainda que em determinados momentos o gênero delimitasse as práticas desses sujeitos, bem como os olhares e suspeitas, em outros a raça também atuou como um potente balizador dessas experiências.

A temática das masculinidades negras enquanto um campo de análise e político de significação, permeia debates outros sobre o poder de agências mesmo em cenários de opressão. Suspeitar de respostas prontas e tão logo proferidas sobre esses corpos negros e masculinos pode direcionar uma não estabilização de sentidos diante assuntos complexos.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. **Discurso de ódio**. Uma política do performativo. São Paulo: editora UNESP, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: Ebu editora, 2020.

FERREIRA, Felipe de Carvalho. **Nunca nos sonharam**: homens negros também são corpos que educam! Rio de Janeiro, 2025. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 47-57, mar. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/dQVz7vKgGNJFVSLv5pY7rhR/>.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



hooks, bell. Reconstruindo a masculinidade negra. Tradução de Stephanie Borges. In: hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019, 356p.

_____. **A gente é da hora: homens negros e masculinidades**. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann & PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. (Coleção Pensar a Educação Pensar o Brasil).

PINHO, Osmundo. O corpo do homem negro e a guerra dos sexos no Brasil. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo (Orgs.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: ciclo contínuo editorial, 2019.

STEHLIK, Daniella. From “Snowball” to “Rhizome”: a rethinking of method. **Rural Society**, v. 14, n. 1, p. 36-45, dez. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271150726_From_'Snowball'_to_'Rhizome'_A_Rethinking_of_Method. Acesso em: 19 mar. 2026.